

João Silva,

se me é legítimo depreender a razão de ser de aqui ser ou estar, acredito então que sou e sobretudo sou porque sou aquilo que faço aqui, e o que aqui pretendo fazer é tão-só exaltar o conceito de tolerância e a ação de tolerar. É certo que estou aqui como sendo uma espécie de adivinho – o que é que realmente foi dito e o que é que foi premiado em relação ao que foi dito?! O que foi premiado, ainda não o sei; logicamente o ser ou aquilo que já está diante de nós é, para mim, um dos objetos da minha ignorância e é justamente a ignorância que ergue e aguça a minha curiosidade. É certo que me lembro de *alguém* ou de alguns, ou melhor, de todos – “só sei que nada sei *ou sei uma coisa: que eu nada sei*”. E porque assim é, atrevo-me então a vaticinar sem procrastinar mais a minha intenção, certamente contextualizada – suponho que aquilo que é objeto de prêmio e, convictamente o digo mercedíssimo, orbita em torno da palavra “tolerância”. Lembro-me *aqui e agora* da herança preciosíssima de Gandhi e escancaro-a aqui de propósito: “A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos”. Ora, se criarmos um olhar essencialmente sensível assim como crítico e sobretudo compreensivo sobre o homem no mundo, poder-se-á inculcar e entificar, no ser de cada um de nós, a ideia de se ser tolerante, contradizendo assim a negação de se ser ou existir também como tolerantes. Mas lembrando-me do Thomas Hobbes, entre outros, que nos fez acreditar na ideia de que o homem é mau por natureza, parecendo esforçar-se por contradizer Jean-Jacques Rousseau, que perde a mãe, ao nascer, é educado por um pastor protestante na cidade de Bossey (Suíça)” e que nos leva a acreditar ou se esforça por nos fazer sentir, apelando à nossa compreensão, que o homem é bom por natureza. Tais reflexões filosóficas parecem pôr-nos diante da falácia com que estamos muito familiarizados hoje - “bons ou maus”. A solução razoável para este falso dilema é a afirmação de que nem somos tão-só bons nem tão-só maus, mas somos, sim, sobretudo entes, existentes concretos, dotados de “memória” e somos também a memória que temos de nós e somos ou existimos por intermédio dela e vivenciamos e experienciamos, nessa memória, podendo então percecioner-se, nesse “santuário”, o que se deverá legitimamente reprovar, o injustificável ou o intolerável quando se tem a percepção do quanto valem, hoje, os direitos humanos como princípios éticos fundamentais no esforço de se erguer inteligente e afetivamente, de modo paulatino, *um mundo melhor*. É que “*O poder da memória é prodigioso. É um santuário imenso, imensurável. Quem poderá sondar as suas profundezas? E, no entanto, é uma faculdade da minha alma. Embora faça parte da minha natureza, o certo é que eu não posso compreender tudo aquilo que sou. Isto significa, portanto, que a mente é demasiado estreita para se conter inteiramente em si mesma. Mas onde está a parte da mente que a própria mente não contém? Estará algures, fora da mente, ela mesma e não dentro dela? Nesse caso, como poderá fazer parte de mente, se não é contida por ela?*”E assim sendo, o que é para nós o

Holocausto? Poderá então tornar-se claro que tolerável jamais poderá ser o que a fotografia seguinte revela acerca do ser do homem ou do ser-aí, e, contextualizando, das crianças cuja, aparência vemos aqui, querendo aqui dizem também que o ser-aí está para além do imagético.



Se isto é um homem

*Vós que viveis tranquilos
Nas vossas casas aquecidas,
Vós que encontrais regressando à noite
Comida quente e rostos amigos:
Considerai se isto é um homem
Quem trabalha na lama
Quem não conhece a paz
Quem luta por meio pão
Quem morre por um sim ou por um não.
Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelo e sem nome
Sem mais força para recordar
Vazios os olhos e frio o regaço
Como uma rã no Inverno.
Meditai que isto aconteceu:
Recomendo-vos estas palavras.
Esculpi-as no vosso coração
Estando em casa, andando pela rua,
Ao deitar-vos e ao levantar-vos;
Repeti-as aos vossos filhos.
Ou que desmorone a vossa casa,
Que a doença vos entrave,*

Que os vossos filhos vos virem a cara.

Primo Lévi, *Se isto é um homem*, tradução de Simonetta Cabrita Neto.

E o ser-aí que se revela poeticamente poderá dizer-nos como é que livremente e de um modo responsável poderemos ou deveremos existir para que o mundo se torne melhor e assim mais tolerável.



<http://www.dn.pt/mundo/interior/casamento-infantil-afeta-40-das-menores-da-africa-subsariana-4923083.html>

Ou então “coisas” destas que *sabemos*: “Casamento infantil afeta 40% das menores da África subsariana”.

“Unicef estima que número de menores casadas em África possa aumentar em 2050 para os 310 milhões”.

Diante dos factos, a problematização e reflexão sobre a “tolerância” poderá ajudar-nos a criar a consciência dos factos que são intoleráveis hoje e sempre.

Tolerar, mas o quê?

“A tolerância é o respeito.”

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131524porb.pdf>

Acredito que é aquilo e também isto que é intolerável:



O desespero à nossa porta

A Europa conheceu o maior êxodo de pessoas deslocadas à força desde o fim da II Guerra Mundial (cerca de um milhão de refugiados). A crise humanitária coloca em xeque muitos valores básicos do ideal europeu. E ante a incapacidade de travar o problema, erguem-se novos "Muros de Berlim" e a xenofobia regressa em força.

<http://cdn.impresa.pt/8ef/87a/8049084/03fi.html>

Com a consciência do ser-aí e "aqui", tolerar tudo o que não atenta contra a Humanidade ou, por outras palavras, tolerar o exaltar da dignidade da pessoa humana ou o respeito mútuo por si em si e coletivamente que, hoje, *a olhos vistos* se vai erguendo e consolidando *eticamente ou esteticamente* e também juridicamente pelo significado ou sentido profundíssimo ou "sagrado" dos direitos humanos que se deseja serem universais, até para que, no que se refere à cooperação, em tomadas de decisão ético-morais e políticas, as cores sejam tanto as da racionalidade (ou a ética holística) como as da compaixão ou do amor. Alguém que, fisicamente, já não está connosco, mas que também está, realmente, connosco hoje, disse o seguinte: "A vida é uma aprendizagem diária. Afasto-me do caos e sigo um simples pensamento: Quanto mais simples, melhor!" Se dermos atenção ao ser-aí, o que é visível, é que o ser humano é essencialmente ou existencialmente um aprendiz, poderemos então deduzir que *ser-se* tolerante e repudiar o intolerável, o hediondo ou o horrendo, é uma aprendizagem quotidiana, decorrente de um viver em intimidade e em sociedade. E se assim for, então a educação para os valores humanos ou a ética para a Humanidade deverá ser, mundialmente ou globalmente, prioritária e pertinente, porém, sem se desvincular de outras dimensões da ética holística, como a compreensão ou a compaixão e o amor. E deixando-me agora ser idealista ou realista, partilharei contigo uma certa crença ou convicção: sim, deveria ser o sustento, a liberdade e o amor juntos ou o respeitar-se mutuamente o móbil de outro processo de criação humanitário ou de outro mundo diferentemente justo e, certamente, diferentemente tolerável.

Termino então relembrando, mais uma vez, Jean-Jacques Rousseau ainda a propósito daquilo que poderá *dar* uma outra consistência ou coerência aos juízos de valor éticos ou morais e políticos para uma outra problematização, reflexão e sobretudo compreensão e prática da tolerância: “A compaixão é um sentimento natural que, ao moderar a violência do amor pelo próprio ego em cada indivíduo, contribui para a preservação de toda a espécie. É ela que nos impele a consolar imediatamente aqueles que estão a sofrer sem que tenhamos pensado sobre isso antes.” E, brincando com o significado das palavras, poderemos expressar o quanto é sério e profundo o significado da palavra compaixão que, no fundo é, ser, estar ou existir com a paixão ou dor do outro. E isto é o que hoje queremos dizer quando nos referimos à empatia e ao altruísmo.

Faço votos então para que continues a contribuir para a humanização do ser-aí ou do homem no mundo, mas que o faças não só deste modo, ou seja, pensando e dizendo. É que *“Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar”* e há coisas neste mundo que “não têm preço - a honra, a dignidade e a verdade”. Então há que agir!

José Manuel dos Anjos Nunes

Abrantes, 27 de maio de 2016